

SEMEANDO ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO A OPRESSÃO DE GÊNERO NAS ESCOLAS DE ENGENHARIA

Seeding strategies to counter gender oppression in engineering schools

Karla Emmanuela Ribeiro Hora¹, Jackeline Jennifer Esteva Rezende², Katia Alcione Kopp³,
Márcia Maria dos Anjos Mascarenha⁴, Rosângela Nunes Almeida de Castro⁵

Recebido em 21 de maio de 2018; aceito em 17 de dezembro de 2018; disponível on-line em 28 de junho de 2019.



PALAVRAS CHAVE:

Mulheres;
Igualdade de Gênero;
Educação;
Engenharias;
UFG.

KEYWORDS:

Women;
Gender Equality;
Education;
Engineering;
UFG;

RESUMO: Durante a formação básica as meninas são estimuladas a buscar cursos e conhecimentos em áreas que socialmente foram atribuídas como funções de mulheres, expressando os preconceitos de gênero já na sua formação inicial e fortalecendo a representação das distintas criações destinadas aos diferentes sexos. Ao romper as barreiras iniciais, as jovens que chegam ao ensino superior nas áreas de Engenharia enfrentam inúmeros outros obstáculos: desde o questionamento da sua capacidade intelectual até o assédio em relação ao seu corpo e aos padrões de beleza estabelecidos. Ao perceber que as engenharias ainda são um campo do conhecimento com predomínio eminentemente masculino, este artigo visa apresentar as estratégias adotadas para inserção do tema "mulheres nas engenharias", na Universidade Federal de Goiás. A metodologia baseou-se em pesquisa-ação por meio da adoção de práticas de educação popular aplicada ao ensino de engenharia e análise da experiência de ensino-aprendizagem ex-post. As estratégias de ensino basearam em aulas dialogadas, seminários, visita de campo e reflexões coletivas. Os resultados apontaram para a importância da institucionalização de ações como essas em cursos de engenharia, uma vez que, as estudantes puderam apresentar anseios e perspectivas sobre situações de opressão de gênero. As conclusões indicam a necessidade de ampliação do debate nas unidades acadêmicas envolvidas, bem como, a importância do uso de estratégias de lúdicas e interativas no ensino.

ABSTRACT: Throughout elementary, secondary and high school, girls are encouraged to choose courses and seek knowledge in areas that are socially designated as functions of women, expressing a gender bias in their early education and strengthening the representation of different upbringing for different sexes. Breaking these initial barriers, young women who enter in higher education in Engineering still face other obstacles, from questioning their intellectual capacity to harassment in relation to their body and to beauty standards established. Realizing that engineering is still a field of knowledge with eminent male dominance, this article aims to present the strategies adopted for insertion of the theme "women in engineering", at the Universidade Federal de Goiás. The results point to the importance of institutionalized actions. The methodology was based in an empirical research adopting practices of popular education applied to the engineering schooling and analysis of the experience of education-learning ex-post. The strategies were based on classes, seminars, site visit and collective deliberation. The results pointed out to the importance of institutionalized actions in engineering courses, once the students presented their yearnings and perspectives about gender oppression. The conclusions indicate that a growth in debates at academic institutions is needed, and point out the importance of playful and interactive strategies in education.

* Contato com os autores:

¹ e-mail: karlaemmanuela@gmail.com (K.E.R.Hora)

Arquiteta, Doutora, Profa. Da Escola de Eng. Civil e Ambiental da Universidade Federal de Goiás

² e-mail: jackerezende92@gmail.com (J. J.E. Rezende)

Psicóloga, Técnica Administrativa da Universidade Federal de Goiás

³ e-mail: kakopp@gmail.com (K.A. Kopp)

Bióloga, Doutora, Profa. Da Escola de Eng. Civil e Ambiental da Universidade Federal de Goiás

⁵ e-mail: marciamascarenha@gmail.com (M.M.A.Mascarenha)

Engenheira Civil, Doutora, Profa. Da Escola de Eng. Civil e Ambiental da Universidade Federal de Goiás

⁴ e-mail: rosangela.almeidacastro@gmail.com (R.N.A. Castro)

Engenheira Eletricista, Doutora, Profa. Da Escola de Eng. Civil e Ambiental da Universidade Federal de Goiás

ISSN: 2179-0612 DOI: 10.5216/reec.V15i1.52869

© 2019 REEC - Todos os direitos reservados.

1. INTRODUÇÃO: UM POUCO SOBRE O TERRENO

Que incentivo as meninas e adolescentes recebem para seguir as áreas de conhecimento no campo das exatas e das engenharias ao longo dos seus estudos? Provavelmente já sabemos a resposta: quase nenhum incentivo, se pensarmos de maneira otimista. Se optarmos por uma resposta mais conservadora, diríamos: nenhum, não é lugar de mulheres.

Segundo Donald (2015), as meninas deveriam brincar mais com brinquedos considerados de meninos, pois estes estimulam o raciocínio lógico, a construção, montagem, estratégia, organização e domínio territorial. O que se vê, entretanto, é que o tempo dedicado ao trabalho doméstico na infância e na adolescência rouba das meninas o tempo a ser dedicado à criatividade, argumentação e desenvolvimento de outras habilidades. As escolhas primárias, impostas pela indústria do consumo e de brinquedos infantis dificultam opções, em termos de variabilidade, para as meninas, sendo que, os brinquedos, em sua grande maioria em tons de rosa, versam sobre tarefas de casa e cuidados (brincar de cozinha, passar roupa, cuidar de bebê etc.).

A concentração do trabalho doméstico nas mulheres é uma realidade social (IPEA, 2011). Essa vivência, associada a fatores socioeconômicos, entre outros, podem influenciar as escolhas futuras em relação à formação acadêmica, na qual, não fazem parte à inserção em cursos superiores nas áreas de engenharias e exatas.

Ao observar os dados de estudantes matriculados nas diferentes áreas do conhecimento, as mulheres representam menos de um terço das matrículas na área de Engenharia (INEP, 2015a), sendo que, sua maior concentração dá-se no campo da pedagogia. Se é difícil chegar às engenharias, o que enfrentam no cotidiano dos cursos, aquelas que ingressam?

A receptividade, nos cursos de engenharia, para meninas e meninos é muito distinta. Talvez, a principal delas, se resume na

“clássica piada” que “quase todas” enfrentam ao ingressar as paredes do conhecimento tecnológico: “e Deus perguntou à mulher: você quer ser engenheira ou ser bonita?”. Se não bastasse a brutalidade da pergunta e a opressão sobre sua capacidade intelectual, expõe-se o controle social sobre os corpos das jovens ingressantes, ao se reproduzir os padrões de beleza e estética comercial como uma condição *sine qua non* para as estudantes. Para piorar o cenário, tal expressão não é centrada em colegas de classe, mas também, abrange comentários do corpo docente, já no primeiro dia de aula.

A oposição entre a noção de “beleza” e o acesso ao “conhecimento tecnológico” acompanha essas estudantes ao longo do curso e são visualizados em festas, ligas esportivas e seleção de bolsistas e monitores; ainda que, para esse último aspecto, os métodos de reconhecimento das distinções de sexo sejam mais implícitos.

Nas festas e ligas, as estudantes são “premiadas” com o menor valor do ingresso ou “beneficiadas” com entradas facilitadas ou pequenos brindes se a roupa for mais curta; além de serem ranqueadas, em função da “sua” beleza, em sistemas de disputa organizados pelos próprios colegas. No acesso às bolsas e monitorias, sua concentração é vista em áreas menos “duras” dentro da própria engenharia, ou aquelas ligadas à gestão e menos ao canteiro de obras.

Como pensar o estudo da engenharia livre das opressões de gênero? Este tem sido o desafio encabeçado por estudantes e docentes, com mais evidência, no período de 2015 a 2017, na Escola de Engenharia Civil e Ambiental - EECA e na Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e de Computação – EMC da Universidade Federal de Goiás - UFG.

Na UFG, no primeiro semestre de 2017, dos 16 cursos de engenharias ofertados em seus quatro Câmpus, 33% das matrículas ativas foram de mulheres. Os cursos com menor percentual de presença feminina são: Engenharia de Software (8%), Engenharia de Computação (11%) e, empatados, Engenharia Mecânica e Engenharia Física (13%) (UFG, 2017). Os cursos com maior

percentual de presença feminina são: Engenharia de Alimentos (66%), Engenharia Ambiental e Sanitária (59%) e Engenharia Florestal – Regional Jataí (54%). Considerando, apenas os cinco cursos de Engenharia da UFG ofertados pela EECA e EMC, existem 23% de matrículas femininas.

Discutir gênero e buscar alternativas formativas para que se construa uma nova cultura, de perspectiva emancipatória, em relação à mulher na sociedade é uma necessidade, a fim de se criar um novo ambiente para formação integrada e com igualdade de gênero nas Engenharias. A Emancipação aqui é compreendida a partir das elaborações de Paulo Freire. Para ele, esta se desenvolve por meio da “humanização do oprimido e superação dos seus condicionantes históricos” (AMBROSINI, 2012).

Partindo desta premissa, o presente texto aborda a experiência de educação destinada a apontar estratégias para enfrentar a opressão de gênero que as estudantes passam nesses cursos, sistematizadas no âmbito da disciplina de núcleo livre “Mulheres e Igualdade de Gênero nas Engenharias” realizado na UFG no primeiro semestre de 2017.

2. AS SEMENTES

Lombardi (2016) revela que a preocupação com a temática “gênero e engenharia” vem crescendo na última década.

Segundo metodologia utilizada, quatro grandes campos de estudos são encontrados, a saber: formação e docência; trabalho e mercado de trabalho; pioneiras na engenharia; pesquisa e produção científica e tecnológica. A maioria dos estudos está concentrada no campo da formação e docência, totalizando 31, ou seja, 53% das pesquisas investigadas. Destes, destacam-se, pelo menos, 13 títulos de artigos elaborados entre 2009 e 2014 que fazem inferência aos processos de formação das jovens nas engenharias. Porém, ao analisá-los com mais cuidado, quase não abordam as estratégias de enfrentamento das desigualdades de gênero, concentrando-se em diagnósticos.

As matrículas femininas em universidades públicas, no ano de 2013, nos cursos de engenharias representavam 33,6% (INEP, 2015a), significando um crescimento nesta área comparada a outros anos. Em 2002, por exemplo, elas representavam 20,1% (RISTOFF et al., 2008). Apesar disto, as primeiras Notas Técnicas do Censo da Educação Superior de 2015 (INEP, 2015b) revelam que as engenharias continuam com a maioria das vagas ocupadas por homens. Esta realidade é percebida na EECA/EMC, conforme demonstra a Tabela 1.

Em relação à conclusão do curso, verifica-se um crescimento relativo percentual ao longo dos anos. Em 2015, as concluintes atingiram 29,3% nas engenharias (INEP, 2015) no país. Já na EECA/EMC, dentre os formados concluintes do 2º semestre de 2016, as mulheres representaram

TABELA 1: Quantidade de estudantes ativos da EECA/EMC, por sexo, em junho de 2017.

Câmpus	Curso	Feminino		Masculino		Total
Goiânia	Engenharia de Computação	42	11%	353	89%	395
	Engenharia Mecânica	29	13%	200	87%	229
	Engenharia Elétrica	68	16%	359	84%	427
	Engenharia Civil	128	26%	368	74%	496
	Engenharia Ambiental e Sanitária	159	59%	109	41%	268
Total		426	23%	1389	77%	1815

FONTE: UFG, 2017.

17,7%, conforme Tabela 2.

Se as mulheres são minoritárias na sala de aula, sua presença na docência superior também não é maior. Em 2010, o cadastro de diretório de grupos de pesquisa do CNPq indicava que dentre os 128,6 mil pesquisadores cadastrados, 50% eram mulheres. Porém, elas estão concentradas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, sendo minoria nas áreas de Exatas e Engenharias (CNPq, 2017). Tal condição ainda reflete o quadro encontrado por Ristoff et al. (2008), no qual a presença das mulheres na engenharia era menos de 30%, sendo a menor representatividade comparado a outras áreas. Destaca-se que as docentes mulheres representam 30% e 16% do corpo docente da EECA e EMC, respectivamente. Ao longo de seus mais de 50 anos, apenas duas mulheres ascenderam ao cargo de Diretora – função máxima eletiva possível dentro da unidade, sendo a primeira eleita, quando as duas unidades, ainda, formavam uma só escola¹.

O fato de existir um número menor de docentes mulheres, também, pode inferir um ambiente mais intimidador para as estudantes, uma vez que encontram poucas referências femininas para os seus estudos. Estes aspectos aparecem nas disciplinas, onde poucas bibliografias incluem pesquisadoras e autoras mulheres.

Se a inserção acadêmica já é um desafio, a participação de mulheres no mercado de trabalho

também não é muito melhor, demonstrando uma segregação e hierarquia por área de exercício profissional. Em 2002 elas representavam 16,7% dos engenheiros ocupados e empregados no Brasil (LOMBARDI, 2006). Em 2013, São Paulo registrava 19,3% de mulheres dentre os engenheiros disponíveis no mercado profissional (SEESP, 2014). As mulheres engenheiras estão mais alocadas em escritórios ou áreas administrativas, sendo que, nos canteiros de obra, predominam engenheiros do sexo masculino (RISTOFF et al., 2008). Em relação à renda média anual das mulheres, esta correspondia a 71,14% dos homens em 2002 (LOMBARDI, 2006). Apesar da renda média das mulheres apresentar melhoras ao longo dos anos, ela segue inferior ao dos homens.

As representações sobre a “beleza” e o “trabalho” singularizam as diferentes formas em que se manifestam as desigualdades entre os sexos (BEAVOIR, 1970; SARAIVA, 2005; MARTINS, 2016; SIMILI e SOUZA, 2015; FIGUEIREDO et al., 2017). Esta desigualdade é mediada por relações de poder, hierarquia e invisibilidade do trabalho da mulher em relação ao homem (KERGOAT, 1998; HIRATA, 2007). Ao se considerar a engenharia como um espaço masculino, diz-se, subliminarmente, que as mulheres não têm força suficiente para administrar uma obra de campo, uma construção ou operar equipamentos pesados. Este “a priori”

TABELA 2: Quantidade de estudantes formandos da EECA/EMC, por sexo, em dezembro de 2016.

Câmpus	Curso	Feminino	Masculino	Total		
Goiânia	Engenharia de Computação	1	7,7%	12	92,3%	13
	Engenharia Mecânica	1	8,3%	11	91,7%	12
	Engenharia Elétrica	8	18,2%	36	81,8%	44
	Engenharia Civil	5	14,3%	30	85,7%	35
	Engenharia Ambiental e Sanitária	5	55,6%	4	44,4%	9
Total		20	17,7%	93	82,3%	113

FONTES: UFG, 2017.

¹ A Escola de Engenharia Civil e Ambiental (EECA/UFG) viu assumir a terceira mulher ao cargo de Diretora, que tomou posse em 17 de maio de 2019.

relegaria as funções de caráter mais administrativo, para elas, do que propriamente gerencial, nos canteiros de obra. Além de definir qual é o “lugar” das mulheres, nas engenharias, elas ainda precisam enfrentar as diferentes jornadas do trabalho, quando escolhem ascender profissionalmente e manter uma família.

3. SEMEANDO NOVOS PROCESSOS PEDAGÓGICO-CULTURAIS

Ter uma disciplina sobre mulheres na engenharia e que aborda identidade de gênero é algo incomum. Porém, a sua existência foi necessária e encontrou um campo fértil nos anseios das estudantes e docentes, manifestados de diversas formas, nos corredores da EECA e EMC. No entanto, pela sua natureza, essa disciplina não podia ser conduzida nos moldes tradicionais das disciplinas de engenharia, resultando numa nova proposição para a prática disciplinar, a ser exposto a seguir.

3.1 O CONTEXTO

Segundo Sacristán e Gómez (1998, pag. 24), cabe aos ambientes escolares (aqui entendidos como as diversas instituições onde ocorre o ensino formal): “fomentar a pluralidade das formas de viver, pensar e sentir, estimular o pluralismo e cultivar a originalidade das diferenças individuais como a expressão mais genuína da riqueza da comunidade humana e da tolerância social.” Ainda, segundo esses autores, as escolas devem provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta que os estudantes assimilam direta e acriticamente nas suas práticas sociais.

Nesse contexto, discutir assuntos não abordados cotidianamente no âmbito do ensino superior, notadamente em unidades acadêmicas das exatas e engenharias, como é o caso da igualdade de gênero, representa um primeiro passo para que se formem estudantes mais tolerantes e conscientes do seu papel na sociedade.

Essa conscientização torna-se necessária a partir do momento que se percebe alguns fatos, mesmo que pontuais, que evidenciam a opressão de gênero no âmbito acadêmico. A exemplo do ocorrido na décima edição do Inter UFG - evento universitário no qual ocorrem festas noturnas e disputas esportivas. Os organizadores postaram uma publicação, em redes sociais, intitulada “Regulamento Inter UFG 2016”, no qual criaram um esquema de pontuação em função da beleza e da cor da pele das mulheres. A repercussão na mídia de tal fato levou as próprias servidoras (docentes e técnico administrativas) da EECA a se manifestarem por meio de uma “Carta contra a Cultura do Estupro”. Esta carta, além de publicada no site da unidade foi lida em reunião regulamentar do Conselho Diretor, que é a instância máxima de decisões, onde reúnem todos os docentes da unidade e representantes dos técnicos administrativos e dos estudantes. Na carta, as servidoras repudiam o teor sexista, racista e misógino da publicação, além de recordarem outros fatos que multiplicam uma cultura de opressão junto às jovens estudantes de engenharia (EECA, 2016).

A receptividade da carta expôs um problema cotidiano enfrentado entre docentes e estudantes da Escola de Engenharia que poucos ousavam falar. A partir dela, teve-se a percepção de uma nova postura de empoderamento e sororidade entre as próprias servidoras, demonstrando uma atitude que serviu de referência para as acadêmicas dos cursos.

Ainda em 2016, durante as atividades da Semana do Meio Ambiente, organizada por docentes e estudantes do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária, foi inserida uma roda de conversa sobre “Mulheres na Engenharia”. Esta atividade, realizada no pátio da Escola, ao ar livre, reuniu professores e estudantes que debateram sobre os relatos e as situações de opressão de gênero que cotidianamente ocorriam na Engenharia, representados nas “cantadas” e nas diferentes insinuações de que mulheres não devem cursar engenharia.

Esses fatos tornavam evidente a necessidade de se discutir questões de gênero dentro das unidades. Nesse mesmo ano, por iniciativa das acadêmicas em engenharia das duas unidades, foi criada a Coletiva Feminista Ada e Grace. Esta trata-se de um grupo autogestionado, formado por estudantes e docentes, que se reúne de tempos em tempos com o intuito de realizar estudos na temática de gênero, além de se mobilizarem para planejar e promover ações de denúncia e combate à opressão de gênero dentro da universidade. O nome da Coletiva é uma homenagem a Ada Lovelace e Grace Hopper, pesquisadoras pioneiras e de destaque na área de computação.

Esse contexto e as contradições criadas, como forma de problematizar e superar o pensamento hegemônico foram possibilitando a efervescência de diferentes ações institucionalizadas. Uma “pedagogia da esperança” está sendo gestada no espaço formal da Engenharia.

Em 2017, não por acaso, a Semana Pedagógica da EECA foi realizada em 08 de março de 2017, dia internacional da mulher. Na sua programação foi inserido o tema “Desafios para as práticas de promoção da igualdade entre gêneros na Engenharia”. As palestras proferidas sobre gênero geraram burburinhos e desconforto na plateia, composta por 27 pessoas (representando 50% do corpo docente na época).

3.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segundo Ribeiro (2007), um rápido olhar sobre o que ocorre na maioria das escolas de Engenharia brasileiras – e na maioria dos países – mostra que nelas prevalece o modelo convencional de ensino centrado no professor, na transmissão/recepção de conteúdos científicos e tecnológicos e nos resultados (RIBEIRO, 2007, p. 43). Segundo Bazzo (2010), é raro que professores das áreas tecnológicas tenham formação didático-pedagógica e, menos ainda, noções de

aspectos epistemológicos de sua atuação. Assim, torna-se difícil atingir os objetivos de conhecimento, habilidades e atitudes mediante a recepção passiva e acrítica de conhecimentos fixos e acabados.

Refletindo sobre isso, buscou-se ofertar uma disciplina, numa Escola de Engenharia, num formato diferente do usual, propiciando a participação dos estudantes na construção coletiva dos conteúdos a serem tratados. Esta alteração na ação docente resultou numa reflexão sobre as responsabilidades e competências tanto dos docentes quanto dos estudantes nos processos de ensino aprendizagem ativa.

Dessa forma, no primeiro semestre de 2017 ofertava-se, pela primeira vez, na EECA e na EMC, como núcleo livre, a disciplina “Mulheres e igualdade de gênero nas Engenharias”. Foram disponibilizadas 30 vagas, sendo preenchidas por estudantes dos cursos de: Odontologia, Engenharia Elétrica, Engenharia Civil, Geologia, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Mecânica e Psicologia. Dentre o total de matriculados, 10% eram homens. Houve uma lista de espera de mais de 50% do total de vagas ofertadas, demonstrando o interesse pelo tema.

A disciplina se constituiu numa série de desafios: (1) foi ministrada com foco nas engenharias; (2) ministrada por docentes lotadas nas unidades de Engenharias; (3) não era uma disciplina obrigatória; (4) o Plano de Ensino estava em construção. O objetivo da disciplina constituía-se em estudar a representação social das mulheres no mundo do trabalho, com especial destaque para as áreas tecnológicas e engenharias, abordando elementos para construção de ações de igualdade de gêneros. A ementa da disciplina abordava: os diferentes tipos de feminismos; igualdade e relações de gênero; mulheres no mundo do trabalho e tecnologia e mulheres na engenharia.

A metodologia proposta baseava-se na construção colaborativa e conjunta do conhecimento evitando-se práticas que reproduziam a relação hierárquica docente-

estudante. De acordo com Freire (2005), este processo educativo “bancário” prioriza a narração dos conteúdos, deixando-os mortos, pois são abstraídos de seus valores e dimensões históricas. Estabelece ainda, relações de ensino-aprendizagem que coloca o docente (sujeito) como o ser único narrador, detentor do poder da palavra, e o discente (objeto), como seres pacientes, ouvintes.

Além disso, essa foi uma estratégia importante, já que o coletivo de docentes era composto por: uma Arquiteta, uma Bióloga, uma Engenheira Civil e uma Engenheira Eletricista. Uma psicóloga, servidora técnico administrativa da EECA, foi convidada para ser monitora da disciplina, inserindo-se neste coletivo. Embora nem todas do grupo tivessem formação em processos pedagógicos, todas utilizavam, de diferentes maneiras, processos, técnicas e práticas pedagógicas que versavam pela construção coletiva do aprendizado e pela valorização das estudantes.

A utilização de práticas pedagógicas diferenciadas iniciou-se já na aula inaugural, que teve como intuito a apresentação das docentes e dos (as) estudantes e a (re)construção do Programa da Disciplina, a partir das experiências compartilhadas entre eles e a exposição de seus anseios e demandas.

Os (as) estudantes foram convidados (as) a sentar no chão, cortar papéis e revistas, desenhar e encher balões (Figura 1a), questionando-se o que é ser mulher na sociedade e na engenharia, o que aparecia nas figuras de princesas que se colavam, nos diferentes moldes de famílias, nas cenas de modas e violência.

Após essa etapa, os (as) estudantes apresentaram suas expectativas sobre o tema “igualdade de gênero nas engenharias” a partir do painel construído com os anseios e as possibilidades de debate (Figura 1b), os quais foram incorporados ao Programa da Disciplina.



[a]



[b]

FIGURA 1: Aula inaugural: [a] construção coletiva do painel; [b] painel norteador na reconstrução do planejamento. **FONTE:** autoras.

Ao longo do curso, nos encontros semanais, com temáticas pré-definidas, delinearam-se seminários, palestras, mesa redonda e apresentação de vídeos, sendo a discussão feita a partir de textos e/ou perguntas mobilizadoras, em uma incessante troca de saberes entre os participantes. No final, uma visita ao Centro de Valorização à Mulher (CEVAM) foi realizada com o intuito de perceber e conhecer os caminhos que as mulheres percorrem para superar situações de violências.

A forma de avaliação foi definida a partir da execução de Atividades Práticas. Estas resultaram nos seminários e nas instalações (performances e cartazes) realizadas pelas estudantes na EECA/EMC. A avaliação, entendida como parte do processo educativo, de ambos os sujeitos (docentes e estudantes) que dele participam, buscou apreender o conhecimento que se foi construindo

ao longo das relações estabelecidas no espaço educativo. Assim, além de ser usada como diagnóstico do que se praticava, a partir da estruturação do curso, a avaliação foi evidenciando a construção do conhecimento que cada uma fazia no atendimento das tarefas demandadas.

4. COLHEITA

Foram 16 encontros semanais entre março e julho de 2017; cinco seminários protagonizados pelas(os) acadêmicas(os); uma mesa redonda com especialistas; um painel com uma estudiosa; um filme assistido e outro produzido coletivamente.

Os seminários abordaram os mais diversos tipos de temas relacionados aos diferentes desafios enfrentados pelas mulheres no seu dia a dia, como: Mulheres no mundo de trabalho; Enfrentamento das formas de violência; Mulheres e ciência; Mulheres na engenharia e Economia feminista. A forma de apresentação constituiu-se num debate coletivo e na produção de banners pelos(as) estudantes, conforme Figura 2. Os banners ficaram expostos no hall de entrada do Centro de Aulas das Engenharias da UFG.

Para refletir sobre a “luta feminista” e suas “ondas” assistiu-se e debateu-se o filme “As Sufragistas” (Suffragette, Reino Unido, 2015). Nesse contexto, apareceram os seguintes subtemas: as ondas do movimento feminista; a representação da divisão sexual do trabalho e como isso se reflete na sociedade atual; a representação e a participação das mulheres no Parlamento; a organização do layout da indústria e sua forma de opressão sobre as mulheres; o trabalho da mulher na indústria e as diferenças salariais; quais os tipos de violência sofridos pelas mulheres e; como surgiram as primeiras organizações feministas.

Ao longo das apresentações, debates e painéis, as estudantes, também, trouxeram relatos pessoais no qual puderam perceber que, muito do que acontecia no início do século XX (recorte temporal do filme), pode ser visto, ainda, nos dias

atuais, tal como a baixa representatividade das mulheres em cargos de chefia e a segregação de gênero no mercado de trabalho. Esta segregação e limitação de acesso a determinados postos de trabalho também é vista na universidade e nas unidades acadêmicas aqui discutidas.



FIGURA 2: Banners confeccionados pelas(os) estudantes
FONTE: autoras.

Segundo Vaz (2013), essa segregação hierárquica, nomeada teto de vidro, é a menor velocidade com que as mulheres ascendem na carreira, resultando em sua sub-representação nos cargos de comando das organizações e, consequentemente, nas altas esferas do poder, do

prestígio e das remunerações. Vale ressaltar que esse fenômeno ocorre também em situações em que as mulheres são dotadas de características produtivas idênticas ou superiores aos de seus congêneres do sexo masculino.

Quanto às palestras proferidas por convidados externos, versaram sobre: “A história da sexualidade e as relações de poder entre mulheres e homens”; “Violência doméstica”; “Teorias de gênero”; e “Mulheres negras e o feminismo”. Estas atividades visavam abordar conceitos e categorias pouco conhecidas. Também foram exploradas as diferentes noções entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual. Discutiu-se sobre violência contra as mulheres, notadamente a violência psicológica e física, bem como suas formas de enfrentamentos. A temática de gênero e raça foi abordada ao se denotar as dificuldades encontradas pelas mulheres negras para se inserirem nos espaços dominados por homens e mulheres brancas. O papel das ações

afirmativas da UFG para a promoção da diminuição das desigualdades históricas relacionadas aos negros também foi problematizado durante a explanação dos convidados externos.

Todas estas formas de apreensão da temática propiciaram um ambiente familiar de interação, relatos, reflexões, sendo que, em muitos desses encontros, um pequeno lanche era compartilhado como forma de suavizar as dores e fortalecer os laços de trocas.

Superar a barreira da sala de aula constitui-se numa meta. Assim, em uma das atividades, as(os) estudantes elaboraram cartazes com diferentes frases que ouviram de colegas e professores homens e que reforçavam estereótipos de gênero, bem como frases de empoderamento e de estatísticas de violência contra as mulheres. A Figura 3 ilustra as frases que foram fixadas no hall de entrada dos prédios de sala de aulas e que despertaram os mais diferentes sentimentos nos transeuntes.



FIGURA 3: Cartazes afixados nas paredes, portas e murais das salas de aulas das Engenharias

FONTE: autoras.

Chamar atenção para a temática de gênero na engenharia era uma estratégia. Outra atividade prática baseou-se na abordagem aos estudantes homens pelas estudantes simulando uma “aproximação-cantada”. As abordagens consistiam-se em cumprimentar os rapazes nos corredores, salas de aula e elevadores, com frases do tipo: “Como você tem os olhos bonitos!”; “Você vem sempre por aqui?”; “Nossa, como essa roupa sua está apertadinha!”. Após a abordagem, as estudantes entregavam um bilhete explicando que a ação fazia parte da disciplina e que queriam demonstrar como esta prática era incômoda. As reações relatadas foram as mais diversas, desde a incredulidade até o constrangimento notório.

Uma das ações mais impactantes, ilustrada na Figura 4, foi a instalação, na entrada do

Bloco B (sala de aulas) da EECA/EMC, de uma cena pintada no chão com a marca de uma perícia de assassinato – feminicídio. Ao lado, uma faixa e um cartaz. Estas ações foram mencionadas em redes sociais e abriu um debate necessário nas Engenharias.

Por fim, a visita ao Centro de Valorização da Mulher (CEVAM), uma Organização não governamental cujo objetivo é assistir e garantir direitos às mulheres e crianças em situação de violência, oportunizando assistência social, psicológica e jurídica a elas e seus filhos – apresentou-se reveladora. Conhecer a dura realidade de crianças, jovens e mulheres abusadas e as dificuldades para sua superação não foi fácil, mas importante para alimentar a práxis e a teoria de tudo que se havia abordado ao longo do semestre.

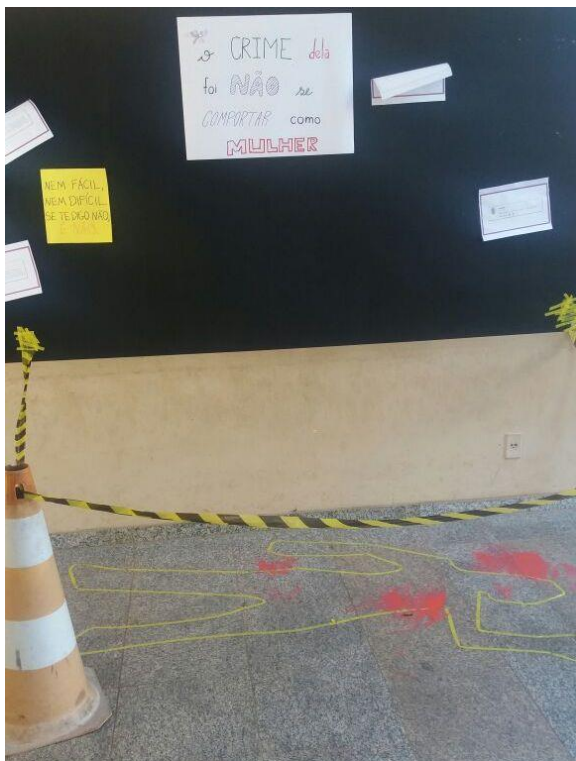


FIGURA 4: Cena de assassinato: atividade prática.

FONTE: autoras.

4.1 AVALIAÇÃO COLETIVA DA DISCIPLINA

A organização da sala de aula apresenta-se como uma das ferramentas para essa proposta. As carteiras foram dispostas, de modo que formassem um círculo dentro da sala, possibilitando o contato visual entre todos os sujeitos. Essa proposta estimula a educação participativa, a concentração dos estudantes e a troca de informações, fazendo com que todos se sintam mais à vontade para expor suas ideias e vivências.

As impressões finais da disciplina foram debatidas em sala de aula e foi preenchida uma pequena ficha com questões avaliativas, das quais se apresentam breves sínteses.

Os debates foram considerados enriquecedores e promoveram, junto com as demais atividades, a conscientização e reflexão dos(as) estudantes em relação as suas atitudes perante a existência de práticas machistas e misóginas. A partir de histórias reais de mulheres que sofreram violência, os(as) estudantes relataram que tomaram consciência que tais casos afetam a todas as mulheres, independente da sua condição socioeconômica. Porém, as mais pobres, tem mais dificuldade de enfrentamento.

Em relação à contribuição da disciplina para a formação dos estudantes como indivíduos críticos, a temática abordada e as dinâmicas trabalhadas coletivamente propiciaram a identificação das representações sociais das mulheres no mundo do trabalho, fazendo emergir elementos para a construção de ações de igualdade de gêneros.

Os métodos de avaliação dos estudantes também foram avaliados de forma satisfatória, considerado adequado e condizente com a proposta metodológica.

Na visão dos estudantes os pontos negativos estão associados a pouca representatividade masculina entre os expositores e os estudantes.

Nas sugestões para a melhoria da disciplina, os seguintes aspectos foram pontuados:

maior participação de palestrantes externos que contribuiriam com abordagens distintas sobre a temática; maior quantidade de material teórico; participação ativa dos estudantes durante as atividades.

4. PARA CRIAÇÃO DE NOVAS SEMENTES E PREPARAÇÃO DE NOVOS TERRENOS

Apenas um encerramento formal e o início de um novo ciclo. O término desta reflexão parte da música que orientou o primeiro encontro (a primeira aula): Xerazade, de Thamires Tannous (TANNOUS, 2017) e, a partir dela, nos guiarmos nesta consideração final.

“Sim quem me quer flor mal me quer”. Durante a disciplina foi discutindo no grupo o ser feminino e as características que nos são impostas como tipicamente femininas e que, ao final, servem apenas para limitar nossas possibilidades diante do mundo.

“Sou mulher. Sou de quem quiser”. A sexualidade feminina, historicamente reprimida por uma sociedade machista, também foi versada em alguns encontros, desfazendo-se mitos e padrões morais socialmente expostos.

“Nem beijos, nem açoites”. Um tema polêmico, controverso e delicado, mas necessário. Um debate, uma mesa redonda e uma visita assistida. Momentos dos quais a sororidade foi gestada de forma mais contundente e que nos levou a refletir sobre a força dessas mulheres que, em algum momento, conseguem superar a condição de violência a que foram submetidas ao longo de vários anos.

“Mas, não volto atrás. Sou rainha de mim”. Essa disciplina resultou em um novo horizonte, dentro das unidades EECA e EMC, em que as vozes das mulheres silenciadas por tanto tempo começaram a ser ouvidas e reproduzidas em seus espaços. Embora cientes do imenso caminho a ser trilhado, temos a consciência clara que o empoderamento e sororidade adquiridos por todos os envolvidos na construção dessa disciplina não permitirá retrocesso.

Esta experiência inovadora desenvolvida nas unidades acadêmicas de engenharia da UFG pode servir de referência para outros trabalhos no campo da práxis e da ação coletiva voltada para a promoção da igualdade de gênero nas Engenharias. Por outro lado, evidencia-se a necessidade de ampliação do debate nessas unidades acadêmicas, incorporando-o em suas atividades de planejamento e ações extra classe.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSINI, T. F. **Educação e Emancipação Humana: uma fundamentação filosófica**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, 2012, n.47, 378-391.
- BAZZO, W. A. **Ciência, tecnologia e sociedade: e o contexto da educação tecnológica**. 2. Ed. Ver. E atual. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2010, 287 p.
- BEAVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/noticiasviews/-/journal_content/56_IN>. Acesso em 29 de julho de 2017.
- DONALD, A. Notícia vinculada em 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/cientista-diz-que-meninas-deveriam-brincar-menos-com-bonecas.html>>. Acesso em 10 de maio de 2017.
- ESCOLA DE ENGENHARIA CIVIL E AMBIENTAL - EECA. Carta contra a cultura do estupro, 2016. Disponível em: <<https://www.eec.ufg.br/n/89199-professoras-e-servidoras-da-eeca-se-manifestam-contra-a-cultura-do-estupro>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.
- FIGUEIREDO, D. de C.; NASCIMENTO, F. S.; RODRIGUES, M.E. **Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras**. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, SC, 2017, v. 17, n. 1, 67 – 87p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HIRATA, H. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa FCC. São Paulo, 2007, v. 37, n. 132, p. 595-609 p.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Resumo Técnico 2013 – Censo da Educação Superior**. Brasília: INEP, 2015a.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Notas Estatísticas sobre o Censo da Educação Superior, 2015**. Brasília: INEP, 2015b.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA - IPEA. **Retrato das Desigualdades**. Brasília: IPEA, 2011.
- KÉRGOAT, D. **La division de travail entre les sexes**. In: KERGOAT, Jacques et al. *Le monde du travail*. Paris: La Découverte, 1998, 319-327p.
- LOMBARDI, M. R.. **Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional**. Cadernos de Pesquisa, 2006, v. 36, n. 127.
- LOMBARDI, M. R.. **Por que são tão poucas?: um estado da arte dos estudos em Engenharia e gênero**. Textos Técnicos. 2016, V.49. São Paulo: FCC.
- MARTINS, M. C. **“E a bela dançou...”: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2016, 24(1): 351-363.
- RIBEIRO, L. R. de C. **Radiografia de uma aula em engenharia**. São Carlos: EdUFSCar, 2007, 138 p.
- RISTOFF, D.; GROZ, D. M.; CABRAL, M. G. S.; LEPORACE, M. M. S.; LOPES, M. M.; MIGUEL, S. M. (orgs.). **Simpósio Gênero e Indicadores da Educação Superior Brasileira**, Brasília-DF, 2007 / Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 176 p.
- SACRISTÁN, J.C.; GÓMEZ, A.I.P. **Compreender e transformar o ensino**. 4 ed. Artmed, 1998.
- SARAIVA, K. **Fabricando identidades femininas em Escolas de Engenharia**. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, 2005, v. 4.
- SEESP. **Perfil Ocupacional dos profissionais de Engenharia do Estado de São Paulo**, 2014. Disponível em: < <http://www.seesp.org.br/site/images/PerfilOcupacional.pdf> > Acesso em 29 de julho de 2017.
- SIMILI, I. G.; SOUZA, M.C. de. **A beleza das meninas nas “dicas da Barbie”**. Cadernos de Pesquisa, 2015, v.45 n.155 200-217p.
- SUFFRAGETTE, Reino Unido, 2015 Disponível em: < <http://www.filmsonlinehd7.cc/assistir-online-as-sufragistas-suffragette-hd-720p-legendado/>>. Acesso 24 de março de 2017.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG. Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos - Coordenação de Informações Institucionais. **Quantidade de estudantes nos cursos de engenharia por situação e sexo, em junho de 2017**. UFG, 2017.
- TANNOUS, T. Xerazade 2.0. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/thamires-tannous/xerazade-20/>>. Acesso em: 10 de março de 2017.

VAZ, D. V. **O teto de vidro nas organizações públicas: evidências para o Brasil.** Economia e Sociedade, Campinas, 2013, v. 22, n. 3 (49), p. 765-790.